# O efeito bumerangue na comunicação política: visibilidade, vigilância e crises no ambiente midiático digital[1]

Julia Machado Biasibetti[2]
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

**Resumo**

Este trabalho reflete teoricamente sobre como a dinâmica de visibilidade e vigilância de atores políticos no ambiente midiático digital se relaciona com crises na democracia. Sob as lentes da Complexidade (Morin, 2011) e da Hermenêutica de Profundidade (Thompson, 1995), dois casos de repercussão significativa são analisados. Evidencia-se que o efeito bumerangue na comunicação política nesse ambiente produz rupturas de representação, polêmicas e escândalo que constituem um circuito recursivo que amplia o descrédito na atuação política e compromete a confiança na democracia.

**Palavras-chave**

Comunicação Política; Crises; Efeito Bumerangue, Visibilidade; Vigilância

## 1. Considerações iniciais

A dinâmica das crises no ambiente digital impõe novos desafios à comunicação organizacional e política. Este trabalho, recorte de uma pesquisa de mestrado concluída em 2025, reflete sobre como as perspectivas de visibilidade e vigilância que incidem sobre atores políticos no ambiente midiático digital se relacionam com as crises no contexto da democracia. Compreendendo as crises como eventos que ameaçam expectativas de partes interessadas (Coombs; Holladay, 2010) e representam riscos à reputação (Oliveira et al., 2022) e que, na política, são percebidas como transgressões morais que provocam condenações coletivas (Thompson, 2002).

---

[1] Trabalho apresentado para o Grupo de Pesquisa 7 –Comunicação Pública e Política, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

[2] Doutoranda do PPGCOM/PUCRS, integrante do GP CNPq Comunicação, Crise e Cuidado e do Projeto de Extensão: Comunicação de risco em comunidades vulneráveis. Bolsista PROEX da CAPES. E-mail: j.biasibetti@edu.pucrs.br

Diante da recorrência de crises protagonizadas por atores políticos na nova esfera pública (Habermas, 2023), entende-se que nesse palco midiático digital, a visibilidade é uma exigência que cobra o preço da vigilância permanente. Mandatos e reputações convivem com fragilidades decorrentes da busca pela visibilidade (Thompson, 2018), sob a vigilância de cidadãos mais críticos. Sob esse imperativo da visibilidade midiática (Trivinho, 2011), transgressões e deslizes de conduta circulam em alta velocidade, impactando a legitimidade política e a própria democracia (Castells, 2018). Pelas lentes da ecologia da ação (Morin, 2011) enxergamos as crises como fenômenos em que a ação comunicativa escapa às intenções iniciais do autor ao sofrerem as interferências das dinâmicas sociais. Essa imprevisibilidade produz o efeito bumerangue (Morin, 2011), que evidencia a fragilidade da ideia de controle narrativo na política contemporânea.

## 2. Esfera pública em metamorfose: sociedade e política em transformação

No cenário de riscos globais e metamorfoses sociais (Beck, 2018), a instabilidade institucional manifesta-se na “crise de agência” (Bauman; Bordoni, 2016) e na erosão da credibilidade, fatores determinantes para a apatia política. A falta de confiança na capacidade de agir dos atores políticos e o desinteresse dos cidadãos por um sistema percebido como autorreferencial (Han, 2018) são potencializados na atual esfera pública plataformizada, que prejudica a qualidade discursiva das deliberações (Habermas, 2023) e transforma o ambiente midiático digital em uma arena de riscos e tensões sociais.

Soma-se ao imperativo da visibilidade midiática (Trivinho, 2011) o fenômeno da “performance de si”, no qual os usuários das redes sociais fazem uma curadoria estratégica dos seus perfis visando obter efeitos na maior audiência possível (Sibilia, 2016). A representação política, que na teoria política clássica se caracteriza pelo agir em nome do outro (Hobbes, 2003) ou com sua autorização (Pitkin, 1967), se estabelece no ambiente midiático digital como um campo estético e performático, onde a legitimidade resulta de uma encenação pública contínua. Essa “teatrocracia do poder” (Balandier, 1982) se direciona para uma representação teatral que prioriza uma ideia de gestão das impressões da plateia (Goffman, 1985), transformando o poder em performance estratégica sob vigilância.

Contudo, diferente do ator de teatro, do ator político se exige autenticidade (Esteves, 2019) e seus gestos não são vistos como encenação, mas como reflexo de sua integridade, transformando qualquer deslize performático em descrédito imediato da figura pública. Assim, a violação das “regras de reciprocidade” (Cabás, 2011) gera uma ruptura de vínculo que colapsa o modelo representativo (Castells, 2018).

Embora a política envolva dimensões espetaculares, Gomes (2004) adverte que os agentes têm responsabilidades reais e os cidadãos não são meras plateias. No ambiente midiático, a perda da aura e da distância institucional (Thompson, 2002) torna a autoexposição uma condição de pura sobrevivência (Beiguelman, 2021; Esteves, 2019). E sendo a personalização uma característica-chave da política, ela passa a ocupar o cerne das crises e escândalos que enfraquecem a democracia (Castells, 2021).

## 3. Crises, escândalos e polêmicas no contexto da democracia

Se a desconfiança institucional e o ambiente midiático digital moldam a atuação política na atualidade, os escândalos políticos e as crises das democracias contemporâneas estão profundamente conectados. Etimologicamente ligada à ideia de "decisão", Przeworski (2019) define crise como um ponto crítico em que a situação se torna insustentável, exigindo intervenção.

No caso da Democracia, entendida como um arranjo onde governos são escolhidos e removidos por eleições, a crise emerge quando falham os elementos essenciais para esse funcionamento (Przeworski,2019). Bauman e Bordoni (2016) consideram a sociedade imersa em um estado de crise caracterizado pelo sentimento de incerteza e a constante necessidade de decidir sobre as melhores medidas a serem tomadas. Da descrença dos cidadãos na capacidade de lideranças das instituições e atores políticos nasce a “crise de agência” (Bauman; Bordoni, 2016) e a profunda ruptura entre o poder político e cidadãos que consolida a atual crise de legitimidade (Castells, 2018).

Nesse cenário, o escândalo político surge aqui como um dos principais vetores desse desgaste, sendo definido por Thompson (2002) como a publicização de transgressões morais, geralmente ocultas, que provocam desaprovação pública e danos

à reputação e é apontado por Castells (2018) como um dos grandes causadores da crise que afeta o poder político. Diferenciando-se do escândalo, no qual geralmente o ator político busca se desvencilhar da acusação, a polêmica (Cabás, 2011) é geralmente intencional e visa legitimar a transgressão para propor mudanças; nela, o ator político assume o ato para confrontar a regulamentação vigente.

## 3. A comunicação política entre a visibilidade e a vigilância

Em um campo de batalha simbólico, onde canais de mídia são usados para exercer poder e confrontar reputações (Thompson, 2018), os atores políticos precisam lidar com as ameaças do impacto da verdade, do peso da suspeita e do efeito do desgaste (Balandier, 1982). Nesse contexto, visibilidade e vigilância emergem como os aspectos centrais das transformações provocadas pelo ambiente digital.

A tecnologia reestruturou a esfera pública (Habermas, 2023) e reconfigurou a visibilidade ao dissociá-la da co presença física (Thompson, 1998), permitindo o registro e a ampla repercussão de falhas que antes passavam despercebidas (Andrade, 2020). Essa visibilidade mediada inaugura “riscos ocupacionais” da atuação política (Thompson, 2018), pois o caráter recursivo da rede permite que momentos do espaço privado sejam inseridos nas regiões frontais da interação de forma imprevista. Essa dinâmica tensiona as regiões de representação de Goffman (1985), que definiu uma região como “qualquer lugar que seja limitado de algum modo por barreiras à percepção” (Goffman, 1985, p. 101).

Na transposição dessa ideia para o que ocorre no ambiente midiático digital, dada a natureza da internet, é muito mais difícil controlar o fluxo de conteúdo simbólico dentro dela e assegurar que o conteúdo disponível seja interpretado conforme as intenções do ator ao produzi-lo (Thompson, 2018). Esse é o gatilho do efeito bumerangue (Morin, 2011), que ocorre pelo apagamento dos limites entre fachada e bastidores, quando as interpretações do conteúdo fogem do esperado ou pretendido (Thompson, 2018).

Assim, como atores políticos não podem mais controlar plenamente sua visibilidade, ela passa a trabalhar contra eles (Thompson, 2018), fica evidenciando uma cultura de vigilância sem precedentes (Lyon, 2018), que resulta do espetáculo e vice-

versa (Beiguelman, 2021; Debord, 1997). A popularização dos dispositivos móveis também contribui significativamente para esse monitoramento contínuo, que muitas vezes não percebido de forma consciente por aqueles que são vigiados (Bruno, 2004) torna os atores mais frágeis (Wolton, 2006) e vulneráveis a crises de imagem (Rego, 2020).

## 5. Considerações finais

A reflexão sobre a relação entre as metamorfoses sociais e as perspectivas comunicacionais da atuação política no contexto da democracia evidencia o deslocamento da esfera pública para o ambiente midiático digital como um fenômeno que estabelece um novo palco para as representações e/ou atuações nas disputas e/ou deliberações políticas.

No mesmo sentido, indica que a visibilidade e a vigilância que incidem sobre os atores políticos, aliadas à necessidade permanente de exposição midiática, à força da personalização e à teatralização da política, podem, sim, estar relacionadas com as polêmicas, os escândalos e as crises que eles protagonizam no ambiente midiático digital.

Esse movimento se dá não só pelas possibilidades comunicativas ou estratégias adotadas nesse cenário, mas pela presença constante do efeito bumerangue, que é inerente à comunicação dos atores políticos. Ao se beneficiarem do imperativo da visibilidade, eles também estão constantemente submetidos à vigilância. Toda essa dinâmica é o cerne do circuito recursivo que retroalimenta não somente o descrédito na atuação política, mas também a crise da democracia.

## Referências

BALANDIER, Georges. O poder em cena. Brasília: Editora UnB, 1982.
BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. Estado de crise. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
BECK, Ulrich. A metamorfose do mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
BIASIBETTI, Julia Machado. Atores políticos e crises entre a visibilidade e a vigilância do palco midiático digital: uma análise dos eventos protagonizados pelo prefeito cover de Elvis e o candidato coach. 2025. 176 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

CABÁS, Luis G. La comunicación política en la era de la visibilidad. Madrid: Fragua, 2011.
CASTELLS, Manuel. Ruptura: a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
ESTEVES, João Pimenta. A comunicação política. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2019.
GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
HABERMAS, Jürgen. Uma nova mudança estrutural da esfera pública e a política deliberativa. São Paulo: Editora Unesp, 2023.
HOBBES, Thomas. Leviatã: ou a matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
PITKIN, Hanna Fenichel. O conceito de representação. Coimbra: Almedina, 2006.
THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
THOMPSON, John B. Escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.